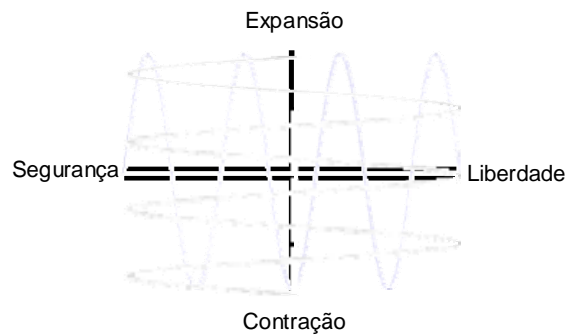




A raiz evolutiva do comportamento explica o duplo significado de uma percepção ambígua. A mente de um indivíduo está procurando alternativamente liberdade ou segurança e está operando em um nível expansivo ou contrativo.

Duplo Pêndulo Unicista



A inteligência ontogenética da natureza define que a um nível essencial há um comportamento de dupla dialética que se define por um duplo pêndulo que oscila entre liberdade e segurança e entre expansão e contração.

Por isso o duplo significado que está implícito em uma percepção ambígua não é casual, é lógico seguindo a inteligência ontogenética da pessoa que percebe.

Para que serve a linguagem ambígua?

As realidades ambíguas e a complexidade só podem ser abordadas em forma consciente utilizando linguagem ambígua.

Esta abordagem é necessária para influir nos sistemas adaptativos. As abordagens ambíguas não têm valor agregado no manejo de problemas operacionais. O objetivo da linguagem ambígua é gerar valor agregado baseado em um diálogo que acontece dentro dos limites da informação disponível sobre um dado problema.

É uma linguagem que busca obter resultados com uma abordagem integrada dentro de limites “difusos”. Por isso a linguagem ambígua é necessária para manejar as estratégias de máxima a nível individual, institucional e social.

“É uma linguagem funcional à descrição das essências para abordar a integração da realidade em sua unidade. Utiliza lógica relacional para operar no campo da ambigüidade. Faz possível a descrição de homologias para simplificar a realidade. Quando se utiliza adequadamente a linguagem sintética (ambígua) os receptores estão

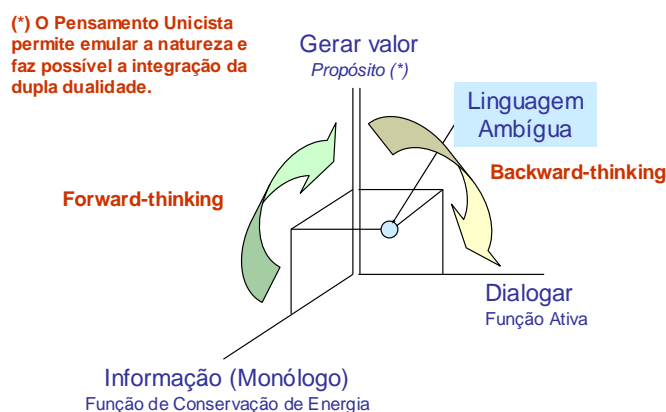


em condições de apreender as essências de uma situação, um fato ou uma ação. É a linguagem da construção de estratégias.”

Estrutura ontológica da linguagem ambígua

A linguagem ambígua está baseada em uma estratégia de máxima impulsionada por um diálogo e uma estratégia de mínima impulsionada por um monólogo, ou seja, uma ação informativa.

Ontologia Unicista da Linguagem Ambígua



A estratégia de máxima implica o exercício de influência funcional enquanto esta ação é sustentada com o reconhecimento objetivo que se obtém durante o diálogo. O diálogo em si é uma comunicação biunívoca com uma adaptação mútua às respostas que se recebem.

As estratégias de máxima estão baseadas na conjunção “e” e o pensamento encadeado para trás (Backward-thinking). Isto implica que um diálogo é possível se o objetivo final estiver na mente de quem dialoga. Quando não há final na mente, não há diálogo, só coexistem dois monólogos.

A estratégia de mínima está sustentada no pensamento dual e a conjunção “ou” para obter influência emocional e reconhecimento subjetivo.

A funcionalidade dos Diálogos e os Monólogos

O diálogo é uma comunicação que é necessária para se manejar com a evolução, a democracia, os negócios, a cooperação e a racionalidade. Utiliza linguagem ambígua.

O monólogo é uma comunicação necessária para promover a involução, a obediência, a desobediência, a confrontação e as emoções. Utiliza linguagem operacional.



Diálogos

O diálogo é uma intercomunicação entre dois ou múltiplos indivíduos que compartilham um conceito para gerar valor agregado para eles ou outros.

O propósito de um diálogo é a geração de valor o que significa que este terminou quando se gerou um valor agregado.

Um diálogo existe quando todos os participantes têm diversas formas de abordar uma realidade, mas compartilham o mesmo conceito, o que implica ter o mesmo propósito. A compreensão do conceito difere em função da natureza da ambigüidade.

Suas mensagens precisam ser ambíguas para permitir gerar uma ação operacional comum que produza valor agregado.

Quando um conceito não pode ser apreendido ou compartilhado, não há possibilidade de diálogo. A comunicação sem conceito compartilhado se transforma automaticamente em um monólogo bilateral ou multilateral.

Monólogos

O monólogo é uma comunicação unilateral na que o indivíduo envia uma mensagem a outro que o recebe para fazer algo.

Os monólogos procuram beneficiar a quem monologa. Por isso precisam gerar da outra parte uma resposta que está predefinida. Monologar implica manipular. Os monólogos provocam a confrontação se as respostas não forem as esperadas.

Os monólogos precisam utilizar linguagem sincrética (operacional) para serem claros, frontais e para evitar incluir ambigüidades na mensagem.

Os monólogos são funcionais à comunicação de ordens, a estabelecer limites de ação, inibir ações, fazer uma catarse emocional e gerar conflitos.

Os monólogos estão baseados nos preconceitos que têm os monologistas em um campo determinado. Se estes preconceitos forem funcionais a um meio específico, produzem comportamentos eficientes da contraparte, mas inibem a eficácia.

Quando os preconceitos são disfuncionais ao meio, funcionam como verdades produzindo um comportamento sectário e marginalizando aos participantes.